

Alguns comentários de Amato: entre a estranheza e a realidade¹

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO²

RESUMO:

Este texto aborda alguns comentários de Amato Lusitano nas *Enarrationes* que poderão apresentar algum grau de estranheza para os leitores atuais, ainda que, em alguns casos, seja possível encontrar aproximações e coincidências com situações da atualidade.

PALAVRAS CHAVE:

Amato Lusitano; *Enarrationes*; *stercus*; *cicuta*; *nerion*; *fungi*; *aster Atticus*.

ABSTRACT:

This paper discusses some comments by Amatus Lusitanus in *Enarrationes*, which may appear somewhat strange to modern readers, although in some cases one may possibly find similarities and coincidences with present day situations.

KEYWORDS:

Amatus Lusitanus; *Enarrationes*; *stercus*; *cicuta*; *nerion*; *fungi*; *aster Atticus*.

1 Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>) do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

2 Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro: jtorrao@ua.pt.

Numa leitura algo despreocupada das *Enarrationes*³ de Amato Lusitano, deparamo-nos com alguns comentários que, nos dias de hoje, nos causam alguma estranheza, ainda que, se refletirmos um pouco, seja possível encontrar na atualidade alguns elementos de realidade que, de algum modo, vêm comprovar o antigo provérbio ‘nihil sub sole novum’⁴.

Vamos apresentar alguns comentários que nos chamaram a atenção por motivos bem diversos, nomeadamente, a eventual estranheza da situação; o espanto com que Amato os apresenta; as cautelas com que o autor apresenta a sua opinião; o paralelismo com outros textos renascentistas.

Não se trata, pois, de um conjunto de comentários ligados por um fio condutor de grande pendor lógico, mas antes de situações bem diferenciadas e autónomas que, por um motivo ou outro, nos chamaram a atenção e nos pareceram merecedoras de registo.

DE STERCORE ANIMALIVM — OS EXCREMENTOS DOS ANIMAIS

No livro segundo, a *enarratio* 75⁵ aborda as utilizações dos excrementos para efeitos medicinais. É um texto com vinte linhas que tem a particularidade de referir por cinco vezes o nome de Galeno que, assim, se torna o referente por excelência deste comentário. Além destas cinco remissões para Galeno, há uma outra a Avenzoar e ainda a exploração das ideias do próprio Amato.

O nosso autor vai abordar, sucessivamente:

as fezes de cão: que curam a angina e restringem a disenteria — “anginam curat et dysenteriam constringit” — e, além disso, acrescentadas a outros medicamentos, curam as úlceras malignas — “quoque medicamentis maligna ulcera sanantibus adiungitur”;

as do homem: que curam os fleimões da garganta e as anginas — “gutturis phlegmonibus et anginis mederi”;

as do lobo: que ajudam nas cólicas graves e sobre as quais Amato, que, nos exemplos anteriores, se socorrera apenas de Galeno, vai, neste caso concreto, aduzir a sua própria experiência, já que

3 Utilizaremos a primeira edição, ainda que tenha havido a colação com as edições posteriores: AMATO LUSITANO, IN *DIOSCORIDIS / ANAZARBEI DE MEDICA / MATERIA LIBROS QVINQVE / ENARRATIONES ERVDITISSIMAE / DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI / AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, / quibus non solum Officinarum Seplasia- / riis, sed bonarum etiam literarum stu- / diosis utilitas adfertur, quum pas- / simplicia Graece, Latine, / Italice, Hispanice, Germa- / nice, & Gallice pro-/ponantur. / Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. / VENETIIS / MDLIII.*

4 Como se sabe, trata-se de uma expressão bíblica: *Eclesiastes*, 1.10. Cf. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Clementinam*. Nova Editio logicis partitionibus aliisque subsidiis ornata a Alberto Colunga, O.P. et Laurentio Turrado. Septima editio. Matriti, La Editorial Católica, MCMLXXXV, p. 606.

5 *Enarrationes*, pp. 214-215.

ele próprio procedia à recolha das fezes de lobos para a preparação de medicamentos, dando indicações precisas sobre a maneira como se deveria proceder quando alguém matava um lobo:

Verum ego quum lupus interficitur iubeo illius intestina cum stercore servari ac exsiccata et in pulverem redacta in potu contra colicas affectiones dare, non contemnendo profecto iuvamento

Na verdade, eu, quando um lobo é morto, ordeno que os seus intestinos sejam conservados com o estrume e, depois de secos e reduzidos a pó, dados em bebida contra as cólicas graves, coisa que não é, na verdade, uma ajuda desprezível;

as de cabra: que se utilizam nas escrófulas e nos tumores cirróticos, mas que só se devem aplicar em corpos duros ou de camponeses, excluindo, por isso, as crianças e as mulheres, e que servem, ainda, para aliviar as dores de ventre, desde que convenientemente aplicadas:

strumis et scirrhis tumoribus convenit, praesertim in corporibus duris et rusticorum secus autem puerorum ac mulierum. Extrinsecus quoque pulticulae modo ventri impositum ipsius doloribus subvenit;

e convém às escrófulas e aos tumores cirróticos, sobretudo nos corpos duros e dos camponeses, com exceção, porém, das crianças e das mulheres. Colocado de fora do ventre à moda de papa, também alivia as suas dores;

as de boi, em paralelo com as de pomba: que têm a capacidade de secar e são cáusticas e, por isso, Avenzoar as inclui nos antídotos contra a peste. Esta causticidade era tal que Galeno apresenta a história de uma casa na Ásia que foi queimada com os excrementos de pomba⁶

6 GALENO, *De temperamentis*, 3: "Siquidem in ea Mysia, quae est Asiae pars, domus hac aliquando ratione conflagrauit. Erat proiectum columbinum stercus, cui iam putri et excalfacto, ac vaporem edenti et tangentibus admodum calido, in propinquo fenestra fuerat, ita ut tam contingeret eius ligna, quae large nuper illita resina fuerant. Media igitur aestate, cum sol plurimus incidisset, accendit tum resinam, tum ligna. Hinc autem et fores quaedam aliae, quae prope fuerant et fenestrae nuper etiam resinae illitae facile ignem conceperant atque ad tectum usque summiserant. Vbi autem excepta semel a tecto est flamma, celeriter in totam domum est grassata.". Citámos a partir de Claudii Galeni Pergameni / *DE TEMPERAMENTIS LIBRI III. / DE INAEQUALI INTEMPERIE LIBER I*. Thoma Linacro Anglo Interprete. / Cum isagoge in eosdem libros et scholijs marginalibus / longe doctissimis, per Iacobum Syluium. / PARI-SIIS, / Ex officina Christiani wecheli, sub scuto Basiliensi, / in vico Iacobaeo: & sub Pegaso, in vico / Bellouacensi. M. D. XLV.

At bubulum exsiccatoriae est facultatis veluti columbinum causticae et exedentis potentiae quod Abinzoar inter antidota contra pestem adnumerat et de eo Galenus libro tertio *de temperamentis* historiam de domo in Asia combusta enarrat;

Mas o de boi, tal como o de pomba, tem a capacidade de secar, e é cáustico e tem o poder de roer pelo que Avenzoar o enumera entre os antídotos contra a peste e, a propósito dele, Galeno, no livro terceiro *De temperamentis*, conta a história de uma casa queimada na Ásia.

as de cegonha: que Galeno afirma não terem efeitos na epilepsia “Ciconiarum vero, comitali morbo mederi, falsum Galenus invenit”;

e, finalmente, as dos lagartos: que, comprovadamente, atacam as névoas dos olhos e as afliências sanguíneas “at lacertarum unice oculorum nebulas eorumque concursus sanguineos delere certi sumus”.

Nesta última situação, a afirmação fica a pairar com um tudo-nada de ambiguidade, não nos fornecendo elementos suficientes para podermos afirmar com plena certeza que também aqui entra a experiência de Amato. De facto, apesar de a primeira leitura apontar para essa ideia, já que o autor utiliza a expressão ‘certi sumus’, pode ficar no ar alguma dúvida, nomeadamente por causa da utilização da primeira pessoa do plural que, neste caso concreto, pode fazer contraste com a primeira pessoa do singular utilizada quando se referiu aos lobos, atenuando deste modo a afirmação. Assim, é possível que esta primeira pessoa do plural possa ser uma utilização genérica de maneira a não incluir obrigatoriamente o nosso autor através de uma experiência direta.

E se, na verdade, esta utilização dos excrementos nos pode causar alguma impressão, convém não esquecer que, mesmo na atualidade, ainda há quem defenda a sua utilização. De facto, para já não falarmos na urina que, em termos populares era (e ainda continua a ser?) usada como desinfetante, por exemplo para cortes feitos por quem andava a trabalhar no campo, e tem quem defenda a sua utilização para a cura do cancro, tanto no Oriente⁷, como no Ocidente⁸, também os excrementos surgem com utilizações curativas, mesmo em termos da medicina convencional⁹.

7 Veja-se este sítio da internet: <http://www.curapelanatureza.com.br/2012/01/conhecendo-urinoterapia.html>.

8 Cf. <http://www.paulopes.com.br/2010/11/padre-continua-defender-que-pocao-base.html>.

9 Cf., por exemplo, <http://www.ecycle.com.br/component/content/article/38-no-mundo/1764-tratamento-coreano-utiliza-vinho-medicinal-feito-com-fezes-humanas.html> e <http://cidadaniatransparencia.blogspot.pt/2013/11/remedio-feito-de-fezes-humanas-pode.html>.

DE CICUTA — A CICUTA

Amato, na *enarratio* 82¹⁰ do livro quarto, dedica algumas linhas (onze e meia) à cicuta, onde, como é óbvio, não poderia faltar a referência à morte de Sócrates — “cuius succo olim Socrates, summus philosophus iniuste mortuus fuit”.

Além de apontar características ligeiramente diferentes de acordo com as regiões onde nasce esta planta — é menos venenosa a nascida na Hispânia e na Itália —, também afirma que ela é venenosa para o homem, mas já serve de alimento para o gado e para o estorninho — “homini enim cicuta venenum est, pecudi vero et sturno pabulum”.

No entanto, esta *enarratio* tem uma particularidade: de facto, Amato, através da sua experiência pessoal, chegou à conclusão de que a cicuta deveria ser classificada como quente e não como fria, como todos os autores fazem, mas, estranhamente, não se atreve a assumir frontalmente esta sua posição com o argumento de não querer contradizer toda a Antiguidade:

Ego vero quandoque cicutae radicem gustans, eam valenter linguam rodere, ac urere deprehendi, qua de causa illam calidam esse, in dubium trahebam, et nisi procul dubio universae antiquitati contradixissem, illam calidam omnino asseverarem.

Eu, na verdade, ao provar a raiz da cicuta, compreendi que ela rói e queima muito a língua e, por isso, tinha dúvidas se ela era quente e, se não estivesse a contradizer, sem sombra de dúvida, toda a Antiguidade, asseguraria que ela era completamente quente.

Pode, realmente, parecer estranha esta posição, nomeadamente atendendo a que, em outras circunstâncias, o autor não hesita em apresentar a sua opinião pessoal de forma clara. Julgamos que, neste caso, terá sido todo o peso histórico da caracterização da cicuta, onde se inclui a morte de Sócrates que, como dissemos, ele próprio refere, que aqui acabou por deixar o nosso autor numa posição algo desconfortável.

DE NERIO — O ELOENDRO

A *enarratio* 85 do livro quatro¹¹ é dedicada ao eloendro e, para além de mais algumas informações de interesse, importa referir duas das temáticas abordadas.

10 *Enarrationes*, p. 417.

11 *Enarrationes*, pp. 418-419.

A primeira aponta para a identificação desta planta com a que dava as famosas flores que o protagonista do romance de Apuleio¹², quando estava transformado em burro, pensou que eram rosas:

Nascitur ad ripas fluviorum nerion, perpulchras ferens rosas, quas Apuleius in asinum versus, veras rosas putavit, sed ultimo diversas dignovit.

O eloandro nasce junto das margens dos rios, dando rosas muito bonitas, que Apuleio, transformado em burro, considerou que eram rosas verdadeiras, mas, por fim, verificou que eram diferentes.

A segunda está relacionada com a Península Ibérica e com uma tradição muito antiga e que hoje divide claramente opiniões, as touradas.

De facto, de acordo com as palavras de Amato, as crianças utilizavam os ramos deste arbusto para prepararem dardos que atiravam aos touros. O texto, sendo bastante sucinto, não nos dá mais informação sobre as circunstâncias em que isso acontecia, mas fica bem claro que a envolvimento com os touros existia já e que nela estariam também incluídas de algum modo as crianças:

Planta enim fruticosa haec est, lauri folia habens, et illa quidem amarissima, ex cuius virgis, pueri in Hispania acilides, id est tela quaedam, acutis ferris ornata parant, quae in tauros eiaculantur.

De facto, esta é uma planta que tem muitos rebentos, apresentando folhas de louro que são, na verdade, muito amargas; dos seus ramos as crianças na Hispânia preparam garrochas, isto é, uns dardos, enfeitados com ferros afiados que lançam contra os touros.

Esta referência aos touros permite-nos trazer à colação um outro pequeno texto quinhentista que também aflora a temática das touradas e que foi publicado pela primeira vez uns anos antes¹³ por D. Jerónimo Osório:

12 Veja-se, por exemplo, a edição da Loeb Classical Library: APULEIUS, *Metamorphoses*. Edited and translated by J. Arthur HANSON. Cambridge (MA), Harvard University Press, 1996. Veja-se também a versão portuguesa: APULEIO, *O burro de ouro*. Tradução e introdução de Delfim LEÃO. Lisboa, Livros Cotovia, 2007.

13 *A editio princeps* é de 1549, em Coimbra, embora a obra tenha sofrido algumas alterações para a edição seguinte em 1552, agora em Florença.

Hac etiam aetate, in Hispania praesertim, cum in ludis publicis undique spicula in tauros intorquentur, illi, qui magnam hominum stragem edunt, egregii tauri atque non uulgari pretio digni reputantur¹⁴.

No nosso tempo, sobretudo na Hispânia, quando, nos espetáculos públicos se atiram ferros contra os touros, aqueles que causam maior matança de homens são considerados touros notáveis e dignos de um preço não vulgar.

Sublinhe-se que também aqui a referência é muito sucinta, mas, que, apesar disso, consegue remeter para a realização pública destes espetáculos.

DE FVNGIS — OS COGUMELOS

Na *enarratio* seguinte (86)¹⁵, o médico albicastrense fala dos cogumelos, considerando que se trata de um mau alimento “quos ego cum caeteris, tanquam noxios, ac pessimi et frigidi nutrimenti reiiciendos consulerem”. Apesar desta opinião, para espanto do autor albicastrense, há um grupo considerável de pessoas que os considera como verdadeiros petiscos e, por essa razão, os contemporâneos de Amato descobriram uma maneira de produzir cogumelos em casa de forma intensiva, quase poderíamos dizer, e em condições muito simples:

Caeterum tantus est hominum hodie luxus gulositasue, ut pro habendis quotidie fungis, lapides quosdam excogitarint, quos in cellis vinariis, summa cura servant, et eos terra cooperiunt, super quos, singulis octo vel decem diebus, fungi nascuntur

Ora, atualmente, é tão grande a intemperança e a gulodice dos homens que, para terem cogumelos, inventaram umas pedras que conservam com grande cuidado nas adegas e que recobrem bem com terra, sobre as quais, em cada oito ou dez dias, nascem cogumelos.

14 Utilizaremos a edição crítica incluída na nossa tese de doutoramento (João Manuel Nunes TORRÃO, *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria*. I. Estudo. II. Edição Crítica. Coimbra, 1991 (tese de doutoramento policopiada) p. 155) em vez de outra mais recente pelas razões aduzidas em João Manuel Nunes TORRÃO, “D. Jerónimo Osório e o *De gloria*: um *best-seller* europeu de Quinhentos”: em António ANDRADE, João TORRÃO, Jorge COSTA e Júlio COSTA (Coord.), *Humanismo, diáspora e ciência. Estudos, catálogo e exposição*. Porto, Universidade de Aveiro, Biblioteca Pública e Municipal do Porto, 2013, pp. 233-250. A edição crítica encontra-se disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Deglorialibrique.htm>.

15 Cf. *Enarrationes*, p. 419.

Como se sabe, este gosto pelos cogumelos já vem da Antiguidade (tornou-se quase proverbial a morte de Cláudio através da ingestão de cogumelos venenosos¹⁶), e continuou até aos dias de hoje. Curiosamente, há técnicas atuais que estão muito próximas, *mutatis mutandis*, daquela que nos é apresentada por Amato. De facto, há atualmente cursos que ensinam a cultivar cogumelos em casa através da utilização, entre outras coisas, de caixas de cartão, troncos de madeira, fardos de palha (em vez das pedras referidas por Amato, que, eventualmente, também poderão ser utilizadas) e até garrafas plásticas de refrigerantes.

É, aliás, frequente encontrar anúncios a estes cursos de micologia e não são raros os que oferecem, como brinde, um *kit* de cultivo para a primeira produção. Neste caso, já não estamos a falar, necessariamente, de ‘luxus gulositasue’, mas de uma produção caseira para consumo doméstico com uma divulgação cada vez maior.

DE ASTERE ATTICO – LÍRIO-CONVALE¹⁷ (?)

A *enarratio* 121 do livro quarto¹⁸ apresenta-nos o *aster Atticus* sublinhando diversos nomes que lhe são atribuídos, bem como a confusão que alguns autores fizeram entre esta planta e outras que com ela têm algumas parecências, embora sejam diferentes. Mais uma vez se recorre à autoridade de Galeno para apresentar algumas das suas propriedades.

Mais adiante, apoiando-se em outro autor, vai apresentar uma propriedade muito relevante:

et mirabilem habet proprietatem, scilicet ad reddendas steriles mulieres, fecundas illis quolibet mane coclear unum praedictae herbae, in pulverem redactae, cum brodio capi, vel vino generoso, per viginti dies, in potu propinando.

e tem uma característica admirável, a saber: a de tornar as mulheres estéreis, fecundas: dando-lhes a beber na bebida, pela manhã, uma colher da dita erva, reduzida a pó, para ser tomada com caldo ou com vinho generoso durante vinte dias.

16 Suetonius, *Diuus Claudius*. Edited by Donna W. Hurley. Cambridge, Cambridge University Press, 2001, 44.

17 Embora este não seja o termo mais adequado, estamos a utilizar aqui, na ausência de melhor hipótese, a tradução fornecida em: F. R. dos Santos Saraiva, *Novíssimo Dicionário LATINO-PORTUGUÊS. Etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.*. Rio de Janeiro-Belo Horizonte, Livraria Garnier, 101993. De facto, de acordo com o nosso consultor para os assuntos de botânica, Jorge Paiva, não é conhecido o nome português que se atribui a esta planta.

18 Cf. *Enarrationes* pp. 433-434.

Mas, se, até aqui, estava a citar outros autores, não deixa de dar a sua opinião que, aparentemente, estará baseada no conhecimento ‘de experiência feito’:

Quibus nos addimus, modo mulieres steriles fiant et non concipiant, quia ob lubricitatem humorum, semen genitale non retinent. Est enim herba haec constrictoria, et ea de causa, eius siccae herbae pulvis, iis qui ex alto cadunt, securissimo iuvamento conceditur, modo in decocto eiusdem herbae, vel aqua stillaticia detur, non minus quoque contra enteroceles valet, et muliebres menses constringit, imo ita mulierum genitalia constringit huius herbae decoctum, aut stillaticia aqua, ut corruptas aequae ac virgines reddat, modo super decocto, ad aliquot insedeant dies, non minus quoque pendentes mamillas, rotundas, ac duras, contractasue reddit.

Às quais nós acrescentamos agora as mulheres que se tornam estéreis e não concebem porque não retêm o sêmen fecundo por causa da inconstância dos humores. Na verdade, esta erva é adstringente e, por esse motivo, o pó desta erva concede uma ajuda importantíssima àqueles que caem de grande altura, quer seja dada em decocto desta erva ou em água destilada; não tem menos valor também contra as enteroceles e restringe as menstruações das mulheres. E o decocto desta erva ou a água destilada comprime de tal maneira os genitais das mulheres que torna as corruptas iguais às virgens desde que se sentem em cima do decocto por alguns dias: além disso, torna também as maminhas descaídas redondas e duras ou firmes.

Repare-se no final do texto de Amato. Sem fazer qualquer menção moral ou de qualquer outra espécie, apresenta uma propriedade característica desta planta já que serviria, por assim dizer, para ‘recuperar’ a virgindade.

Este texto, embora em contexto diferente, pode ser aproximado de uma reportagem que deu há tempos na televisão¹⁹ sobre o que aconteceu em França na altura em que as antigas colónias francesas do norte de África se tornaram independentes com o conseqüente regresso às terras de origem de muitas raparigas que se encontravam a estudar em França. Dizia a reportagem que houve uma procura inusitada de médicos que faziam a recuperação do hímen já que estas raparigas tinham assumido em França determinado tipo de comportamento cujos resultados físicos seriam muito mal recebidos nas sociedades bastante mais fechadas para onde iriam agora viver.

Poderíamos dizer que, se estas raparigas conhecessem este texto de Amato e tivessem acesso a esta planta e, já agora, se a planta tivesse, realmente, as propriedades que o médico albacastrense

19 Agradeço esta informação à Doutora Joana Catarina Mestre da Costa.

lhe atribui, resolveriam em alguns dias o problema que as afligia e por um preço muito mais reduzido do que aquele que tiveram de pagar pela intervenção cirúrgica a que se tiveram de submeter.

EM JEITO DE REMATE

Estes exemplos, que se poderiam facilmente multiplicar, mostram-nos que Amato Lusitano se incorporava na cultura da sua época e no ambiente em que exercia a sua atividade, procurando em autores da Antiguidade a confirmação do seu saber que era, em simultâneo, um saber livreiro, no bom sentido do termo, misturado com um ‘saber de experiência feito’.

Numa situação particular, ao falar sobre a cicuta, ao contrário do que lhe era habitual, o ‘saber de experiência feito’ não vai servir para contradizer as teorias da Antiguidade, mas deixa no ar a ambiguidade da questão.

Importa ainda sublinhar as aproximações que podem ser feitas com a atualidade quer através de algumas situações com algum paralelismo, quer de outras onde a visão poderá ser quase antagónica.

BIBLIOGRAFIA

- AMATO LUSITANO, *IN DIOSCORIDIS / ANAZARBEI DE MEDICA / MATERIA LIBROS QVINQVE / ENARRATIONES ERVDITISSIMAE / DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI / AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI*, / quibus non solum Officinarum Seplasia- / riis, sed bonarum etiam literarum stu- / diosis utilitas adfertur, quum pas- / sim simplicia Graece, Latine, / Italice, Hispanice, Germa- / nice, & Gallice pro-/ponantur. / Cum Priuilegio Illustrissi. Senatus Veneti ad decennium. / *VENETIIS / MDLIII*.
- APULEIO, *O burro de ouro*. Tradução e introdução de Delfim LEÃO. Lisboa, Livros Cotovia, 2007.
- APULEIUS, *Metamorphoses*. Edited and translated. by J. Arthur HANSON. Cambridge (MA), Harvard University Press, 1996.
- GALENO, *DE TEMPERAMENTIS LIBRI III. / DE INAEQUALI INTEMPERIE LIBER I*. Thoma Linacro Anglo Interprete. / Cum isagoge in eosdem libros et scholijs marginalibus / longe doctissimis, per Iacobum Syluium. / *PARISIIS*, / Ex officina Christiani wecheli, sub scuto Basiliensi, / in vico Iacobaeo: & sub Pegaso, in vico / Bellouacensi. M. D. XLV.
- SARAIVA, F. R. dos Santos, *Novíssimo Dicionário LATINO-PORTUGUÊS. Estimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.*. Rio de Janeiro-Belo Horizonte, Livraria Garnier, ¹⁰1993.
- SUETONIUS, *Diuus Claudius*. Edited by Donna W. HURLEY. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

TORRÃO, João Manuel Nunes, *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria*. I. Estudo. II. Edição Crítica. Coimbra, 1991 (tese de doutoramento policopiada)

TORRÃO, João Manuel Nunes, “D. Jerónimo Osório e o *De gloria*: um *best-seller* europeu de Quinhentos”, in António ANDRADE, João TORRÃO, Jorge COSTA e Júlio COSTA (Coord.), *Humanismo, diáspora e ciência. Estudos, catálogo e exposição*. Porto, Universidade de Aveiro, Biblioteca Pública e Municipal do Porto, 2013, pp. 233-250.

SÍTIOS DA WEB

<http://cidadaniatransparencia.blogspot.pt/2013/11/remedio-feito-de-fezes-humanas-pode.html>.

<http://www.ecycle.com.br/component/content/article/38-no-mundo/1764-tratamento-coreano-utiliza-vinho-medicinal-feito-com-fezes-humanas.html>

<http://www.paulopes.com.br/2010/11/padre-continua-defender-que-pocao-base.html>.